

BURNOUT E O TRABALHO DOCENTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERVENÇÃO¹

Mary Sandra Carlotto
Universidade Luterana do Brasil/RS

Grande parte da população já frequentou a escola durante algum período de sua vida. O ambiente escolar faz parte de nossas lembranças, na sua maioria, felizmente, boas. O recreio, os colegas, as primeiras letras, a descoberta do universo das palavras e números são elementos importantes que ficaram retidos em nossa memória. Dentre as várias lembranças deste período, não há dúvidas de que a relação com a primeira professora ou professor é um dos fatos mais marcantes de nossa vida infantil. Talvez esta seja uma das figuras externas ao ambiente familiar que mais carinho dedicamos e nos enternecemos ao evocar de nossa memória. Esta situação, acreditamos que não tenha se modificado com o passar do tempo.

Sob a ótica do reconhecimento social desta profissão, identificamos que já houve um tempo em que se considerava a profissão docente um sacerdócio, uma vocação de abnegação e de dedicação quase heróica. No passado, ser professor trazia à tona, segundo Codo (1999), uma identidade carregada de orgulho profissional. A profissão docente gozava de amplo prestígio social. Como a conjuntura sócio-política-econômica era, naquele tempo, outra, a questão das condições de trabalho era praticamente um aspecto relegado a um segundo plano.

Os tempos mudaram, o ensino mudou, a escola mudou e o professor, como consequência, também se viu impulsionado a efetuar mudanças. “*Estas transformações supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles*” (Esteve, 1999, p. 31).

Na medida em que a escola perdeu seu caráter elitista, houve a expansão da escolarização e a escola pública não conseguiu dar conta deste processo. Assim, o ensino privado passou a desempenhar importante papel no cenário educacional. A massificação da sociedade industrial moderna passou a fazer parte das instituições de ensino privado. A escola, segundo Carvalho (1995), visando atender a esta demanda, assumiu cada vez mais características e modelos de gestão empresarial, não podendo ser considerada, hoje, apenas uma pequena empresa, devido

¹ Apresentado como parte do curso *Síndrome de Burnout: um desafio ao mundo do trabalho* no I Seminário Internacional sobre Estresse e Burnout. Curitiba, 30 e 31 de agosto de 2002.

à sua complexidade, organização, número de funcionários e clientes atendidos (Soratto, Olivier-Heckler, 1999). Além disso, atualmente, a escola é avaliada a partir de parâmetros da produtividade e eficiência empresarial (Frigotto, 1999). Neste contexto, os professores, como trabalhadores, passaram a preocupar-se de forma intensa não só com suas funções docentes, mas também com questões baseadas no paradigma da civilização industrial, isto é, com sua carreira, sua segurança e seu salário.

Assim, considerando a lógica exposta, hoje, o conceito de educação tem adotado a crença neoliberal de que tudo é mercadoria e o mercado regula todas as relações. A escola é vista e gerenciada como uma prestadora de serviços, com clientes que precisam ser, o tempo todo, bem tratados e bem atendidos. O estudante é um cliente que compra um serviço. A educação é vista e gerenciada como um negócio rentável. Na disputa pelo mercado educacional, há uma tendência a atrair clientes-alunos através de estratégias de marketing, investimento em equipamentos sofisticados, da modernização de laboratórios, da ampliação e do conforto de suas instalações (Moura, 1997). Condições organizacionais podem facilitar o trabalho, mas quem responde diretamente pela qualidade do mesmo é o professor. Esta visão de educação sob a perspectiva mercantil, de acordo com Fraga (1999), causa prejuízo às pessoas diretamente envolvidas no processo: professores e alunos.

A organização social do trabalho do professor separa a concepção e o planejamento da tarefa, da sua execução. Sua atividade é fragmentada, sem o controle sobre o conteúdo e a forma de transmitir seu conhecimento. Estas questões têm sido determinadas, na nova organização de trabalho, por técnicos especialistas de nível hierarquicamente superior.

No atual modelo, muitas são as atribuições impostas ao professor, aparte de seu interesse e muitas vezes de sua carga horária. Além das classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar, orientar alunos e atender as visitas de pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios bimestrais e individuais relativos às dificuldades de aprendizagem de alunos e, muitas vezes, cuidar do patrimônio, material, recreios e locais de refeições. Entretanto, é excluído das decisões institucionais, das reestruturações curriculares, do repensar da escola, sendo concebido como mero executor de propostas e idéias gestadas por outros. Com isto, se estabelece uma

tendência ao trabalho individualista, que não permite ao professor confrontar e transformar os aspectos estruturais de seu trabalho. Esta intensificação do fazer docente lhe ocasiona conflitos, pois ao ter que arcar com essa sobrecarga, vê reduzido seu tempo disponível para estudos individuais ou em grupo, participação de cursos ou outros recursos que possam contribuir para a sua qualificação e favorecer seu desenvolvimento e sua realização profissional (Esteve; 1999, Nacarato, Varani, Carvalho 2000; Schnetzler, 2000).

Esteve (1999) adverte sobre as desastrosas tensões e desorientações provocadas nos indivíduos quando estes se vêem obrigados a uma mudança excessiva em um período de tempo demasiadamente curto. O professor que tenta resistir a estas mudanças, por pretender manter o papel de modelo social de transmissor exclusivo de conhecimentos e o de hierarquia possuidora de poder, tem maiores possibilidades de ser questionado e de desenvolver sentimentos de mal-estar.

Frente a estas questões, fica evidente que, tanto na natureza do trabalho do professor como no contexto em que exerce suas funções, existem diversos estressores que, se persistentes, podem levar à Síndrome de *Burnout*. Esta síndrome é considerada por Harrison (1999) como um tipo de estresse de caráter duradouro vinculado às situações de trabalho, sendo resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada ao intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo. *Burnout* em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando estes profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia no trabalho, ocasionando problemas de saúde, absenteísmo e intenção de abandonar a profissão (Guglielmi, Tatrow, 1998).

Assim, a Síndrome de *Burnout* tem sido considerada um problema social de extrema relevância e vem sendo estudada em vários países, pois encontra-se vinculada a grandes custos organizacionais, devido a rotatividade de pessoal, os problemas de produtividade e de qualidade. Também encontra-se associada a vários tipos de disfunções pessoais, com o surgimento de problemas psicológicos e físicos. Em casos extremos, a longa duração do estresse laboral leva ao *Burnout* com total perda da capacidade laboral. A prevenção do estresse no trabalho será um dos maiores desafios da área da saúde ocupacional no século XXI.

Segundo Iwanicki e Schwab (1981) e Farber (1991), a severidade do *Burnout* entre os profissionais de ensino é, atualmente, superior à dos profissionais de saúde.

Pesquisas sobre esta síndrome em professores têm uma longa tradição na América do Norte, porém em países europeus, com exceção da Inglaterra, ainda estão em fase embrionária (Rudow, 1999). No Brasil, encontramos poucos estudos que abordam o estresse ocupacional e a Síndrome de *Burnout* em professores (Carvalho, 1995; Reinhold, 1996; Moura, 1997; Codo, 1999; Carlotto, 2002a; Carlotto, 2002b).

Considerando que *Burnout* é um fenômeno psicossocial relacionado diretamente à situação laboral; que o homem busca constituir-se como sujeito através de seu trabalho e que o mesmo não se realiza de forma individual, mas sim se materializa num espaço social; e que a atividade produtiva é um elemento constitutivo da saúde mental individual e coletiva, acreditamos ser relevante pensar em ações que possam prevenir ou erradicar o *Burnout* visando o estabelecimento de um contexto mais favorável ao exercício da profissão docente.

A intervenção

Muitas são as possibilidades de intervenção preventiva ou de reabilitação do *Burnout* no contexto educacional, algumas direcionadas diretamente ao professor, outras à equipe diretiva e pedagógica e, ainda, outras à comunidade.

Nas ações direcionadas ao professor, é importante trabalharmos no sentido de alertá-lo, através de palestras, sobre os possíveis fatores de estresse relacionados ao trabalho e a possibilidade de desenvolvimento deste tipo de estresse ocupacional de caráter crônico, tendo em vista que o mesmo só é percebido como transtorno em sua fase final, quando sintomas psicossomáticos já se encontram consolidados. Outro ponto relevante é a formação de grupos de discussão para trabalhar as crenças que o profissional têm sobre sua prática, auxiliando-o a desenvolver concepções mais realísticas e adequadas da profissão. A ação contribuiria para o desenvolvimento das qualidades pessoais que podem ser utilizadas para um desempenho personalizado da prática profissional, evitando, desta forma, a internalização e à comparação constante com um modelo idealizado, não raras vezes estereotipado, com o qual não se identificam. Também pode-se instrumentalizar o corpo docente para a qualificação das relações interpessoais, tendo em vista que esta não é temática exaustivamente desenvolvida na formação deste profissional. Neste espaço, torna-se importante chamar atenção para a necessidade de mudança do estilo de atuação, tradicionalmente baseado em um modelo prescritivo e normativo, para uma atuação fundamentada no modelo relacional, potencializando e valorizando as características específicas de cada profissional e

possibilitando sua atuação de forma autônoma e criativa frente às diversas situações encontradas no contexto de trabalho. O papel do professor, neste contexto, é o de dinamizar um ensino personalizado orientado para o desenvolvimento integral dos alunos.

Ações direcionadas à equipe diretiva e pedagógica, buscam propiciar um espaço institucional de discussão e reflexão entre estas e os professores sobre o papel docente na atualidade, bem como os reflexos do novo paradigma empresarial no contexto educacional. O aluno e os pais são parceiros neste processo educativo, que é também de construção, e não clientes de um serviço avaliado segundo parâmetros empresariais. A participação dos professores nas decisões institucionais, deve ser considerada bem como no apoio recebido de colegas e coordenação, através da formação de equipes de trabalho. Neste sentido, torna-se necessário estimular e valorizar a autonomia docente, permitindo aos professores manifestar sua competência e motivação profissional. Desenvolver reuniões com agenda positiva, onde possam ser apresentados projetos de trabalho e experiências de sucesso desenvolvidas pelos professores. Divulgar as experiências à comunidade, salientando os aspectos inovadores da escola e da profissão docente, resgatando, desta forma, a imagem social bastante desgastada, nos dias atuais, do professor perante a sociedade.

Com relação à comunidade acreditamos ser relevante a elaboração de campanhas informativas destacando a importância da função docente, buscando parceria e apoio da comunidade para a efetivação do processo educativo, diminuindo a exigência social depositada no professor, visto como o principal, senão o único agente de educação. Delimitar de forma clara e coerente as funções docentes, destacando a educação como uma questão que diz respeito a todos, aos professores, aos alunos, às famílias e às instituições. Estimular a participação dos pais ou responsáveis na vida escolar, sensibilizando-os para a valorização da escola e do trabalho do professor junto aos seus filhos, enfatizando a importância de sincronia entre as estratégias educativas utilizadas na escola e em casa. As reuniões com familiares devem ser trabalhadas com agenda positiva, e não apenas para apresentar baixos resultados escolares, elevado número de faltas ou problemas de comportamento dos alunos (Carlotto, 2002b).

Conclusão

As ações propostas evidenciam que a prevenção e a erradicação do *Burnout* em professores não é tarefa solitária destes, mas deve contemplar uma ação conjunta entre professor, alunos, instituição de ensino e sociedade. As reflexões e ações geradas devem visar a busca de

alternativas para possíveis modificações, não só na esfera microssocial de seu trabalho e de suas relações interpessoais, mas também na ampla gama de fatores macroorganizacionais que determinam aspectos constituintes da cultura organizacional e social na qual o sujeito exerce sua atividade profissional (Carlotto, 2002b).

Referências

Benevides-Pereira , A. M. T. (org.) (2002) *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Carlotto, M. S. Síndrome de Burnout e satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In: Benevides-Pereira , A. M. T. (org.). *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a.

Carlotto, M. S. (2002b). *Síndrome de Burnout em professores de escolas particulares de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre-RS*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Brasil.

Carvalho, H. T. T. K. (1995). A professora primária: amor e dor. In: Codo, W.; Sampaio, J. J. C. (orgs.). *Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Carvalho, M. M. B. (1995). *O professor: Um profissional, sua saúde e a educação em saúde na escola*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

Codo, W. (1999). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Esteve, J.M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.

Farber, B. A.(1991). *Crisis in education. Stress and burnout in the American teacher*. San Francisco: Jossey-Bass Inc.

Fraga, C. (1999). O Cliente tem Razão. *Extra Classe*, 4, 34, 17.

Frigotto, G. (1999). Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: Gentili, P.A. A.; Silva,T.T. (Orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes.

Gentili, P.A. A.; Silva,T.T. (orgs.). (1999) *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes.

-
- Geraldi, C.M.G.; Fiorentina, D.; Pereira, E. M. de A. (orgs.) (2000). *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado de Letras
- Guglielmi, R. S.; Tatrow, K. (1998). Occupational stress, burnout, and health in teachers: a methodological and theoretical analysis. *Review of Educational Research*, 68, 1, 61-69.
- Harrison, B. J. (1999). Are you to burn out? *Fund Raising Management*, 30, 3, 25-28.
- Iwanicki, E. F.; Schwab, R. L. (1981). *A cross validation study of the Maslach Burnout Inventory*. *Educational and Psychological Measurement*, 41, 1167-1174
- Moura, E.P.G. (1997). *Saúde mental e trabalho: esgotamento profissional em professores da rede de ensino particular de pelotas – RS*. Porto Alegre: PUCRGS, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- Nacarato, A.M.; Varani, A.; Carvalho, V. (2000). O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível...abrindo as cortinas. In: Geraldi, C.M.G.; Fiorentina, D.; Pereira, E. M. de A. (orgs.). *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado de Letras.
- Reinhold, h. H. (1996). Stress ocupacional do professor. In: Lipp, M. N (org.). *Pesquisas sobre stress no Brasil*. São Paulo: Papirus.
- Rudow, B. (1999). Stress and burnout in the teaching profession: European studies, issues, and research perspectives. In: Vanderbergue, R.; Huberman, M. A. (eds.). *Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schnetzler, R. P (2000). Prefácio. In: Geraldi, C.M.G.; Fiorentina, D.; Pereira, E. M. de A. (orgs.). *Cartografias do trabalho docente*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Soratto, L.; Olivier-Heckler, C. (1999). Os trabalhadores e seu trabalho. In: Codo (org.). *Educação: carinho e trabalho*. São Paulo: Vozes, CNTE e UNB.
- Vanderbergue, R.; Huberman, M. A. (eds.) (1999). *Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research*. Cambridge: Cambridge University Press.